

SOBRE ARQUIVOS E LEGADOS: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ARQUIVO WALDISA RUSSIO

ABOUT ARCHIVES AND LEGACIES: AN EXPERIENCE FROM THE WALDISA RUSSIO ARCHIVE

Viviane Panelli Sarraf *

Karoliny Aparecida de Lima Borges**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir o trabalho realizado pela equipe do projeto Jovem Pesquisador FAPESP “O legado teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional” a partir do arquivo de Rússio. O projeto tem como objetivo principal pesquisar e difundir o legado teórico da professora e museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, que foi de certa forma apagado e esquecido por grande parte do campo museológico após seu falecimento em 1990. Outro objetivo do projeto é realizar o processamento do fundo pessoal com a intenção de visibilizar novas fontes para pesquisa tanto sobre a própria museóloga, quanto sobre a museologia no Brasil e no mundo nas décadas de 1970 e 1980 e sobre as próprias instituições museológicas das quais Rússio participou.

Palavras-chave: Waldisa Rússio, Museologia, Arquivos pessoais.

Abstract: This article aims to discuss the work done by the team of the Jovem Pesquisador FAPESP project "The theoretical legacy of Waldisa Russo for International Museology" from Russo's archive. The project's main objective is to research and disseminate the theoretical legacy of professor and museologist Waldisa Russo Camargo Guarnieri, which was somehow erased and forgotten by most of the museological field after her death in 1990. Another goal is to process the personal collection with the intention of providing new sources for research on the museologist herself, on museology in Brazil and in the world in the 1970s and 1980s, and on the museological institutions in which Waldisa participated.

Keywords: Waldisa Russo, Museology, personal papers.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo discutir o trabalho realizado pela equipe do projeto Jovem Pesquisador FAPESP “O legado teórico de Waldisa Rússio para a

*Pesquisadora Colaboradora do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo com Auxílio e Bolsa Jovem Pesquisador FAPESP. Pesquisadora Responsável e Principal do Projeto de Pesquisa (JP-FAPESP/IEB-USP) "O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional". Pós Doutora em Museologia pelo PPGmus-USP, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Mestre em Ciência da Informação pela ECA-USP, Especialista em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e Graduada em Educação Artística pela FAAP.

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB-USP e graduada em História pela Universidade de São Paulo. Foi bolsista de mestrado no projeto de organização do Fundo Waldisa Rússio entre 2019 e 2022, tendo colaborado em outros projetos de organização de arquivos pessoais dentro do Arquivo IEB-USP desde 2014.

Museologia Internacional”, idealizado e coordenado pela Prof^a Dr^a Viviane P. Sarraf com o propósito de pesquisar, analisar, sistematizar e desenvolver estratégias de reconhecimento da contribuição teórica e empírica da museóloga, professora e servidora pública Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1935-1990) para os museus e a museologia brasileira e internacional a partir do processamento documental do Arquivo Waldisa Rússio, salvaguardado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

Waldisa Rússio, maneira como assinava grande parte de seus documentos, foi uma das figuras-chave para o desenvolvimento do campo da museologia no Brasil, especialmente em São Paulo, mas de alguma forma teve seu legado, especialmente o teórico, apagado e esquecido por grande parte do campo após seu falecimento em 1990.

Acredita-se que esse esquecimento se deu em parte por tensões existentes com outros atores do campo e em parte porque, com seu falecimento precoce e inesperado, a museóloga não conseguiu estruturar e compilar sua obra.

O projeto realizado no setor de arquivo do IEB-USP tem como parte das suas atividades realizar o processamento do fundo pessoal, com o objetivo de visibilizar novas fontes para pesquisa tanto sobre a própria museóloga, quanto sobre a museologia no Brasil e no mundo nas décadas de 1970 e 1980, e sobre as próprias instituições museológicas das quais Rússio participou.

Será apresentado no presente artigo um resumo com os principais pontos de sua carreira, com a intenção de tornar compreensível a dimensão do impacto do trabalho de Rússio para o desenvolvimento do movimento de consolidação da museologia como disciplina científica no Brasil e no mundo e para a afirmação da Função Social e Educativa dos museus em ações práticas e reflexões teóricas.

Além disso, o artigo trará um breve relato dessas atividades de processamento do fundo e das outras atividades realizadas a partir do processamento, e discutirá a questão dos arquivos de mulheres com base em reflexões feitas a partir de discussões estabelecidas na participação dos membros do projeto junto à Rede Arquivos de Mulheres (RAM).

Waldisa Rússio e o campo museal

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, originalmente Waldisa Pinto Rússio, nasceu na cidade de São Paulo em 1935. Formou-se em Ciências Jurídicas em 1959 na Faculdade

de Direito da Universidade de São Paulo; tendo concluído o mestrado 1977 e o doutorado 1980, ambos sob orientação do professor e sociólogo Antônio Rubbo Müller e na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP).

Sua dissertação, intitulada “Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento”, propõe entender como os museus no Brasil foram organizados, historicizando os diferentes modelos de museus ao longo do tempo e apontando a necessidade de mudança do paradigma museológico que colocava os museus como um lugar de guarda de objetos.

Já sua tese de doutorado, intitulada “Um Museu de Indústria em São Paulo”, serviu como base para a constituição de um dos principais projetos de sua carreira, o Museu da Indústria da Secretaria de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia de São Paulo. A tese apresenta um histórico de Museus de Ciência, Indústria e Técnica no mundo, e os fundamentos e a proposta museológica para um Museu de Indústria em São Paulo, com o anteprojeto museográfico e o anteprojeto da estrutura técnica-administrativa do museu.

Ambas as obras apresentam o trabalho como um elemento central no desenvolvimento da condição humana, um componente constituidor da cultura e, conseqüentemente, do patrimônio cultural que deveria ser preservado pelos museus. Essa compreensão da cultura e do lugar do trabalho humano dentro da esfera cultural vai aparecer ao longo de toda sua carreira, tanto em artigos e textos de falas publicados, quanto na base de seus projetos museológicos.

Cabe ressaltar, principalmente em relação a esse segundo trabalho, o caráter militante nas pesquisas e na produção acadêmica de Rússio, em busca de uma prática museal que estivesse pautada no museu como agente de desenvolvimento social, engajado com as questões sociais de sua comunidade e entorno.

Na consolidação do projeto do Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, criado no âmbito da Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia de São Paulo, é possível concluir, a partir da análise documental, que o principal elemento patrimonial do museu era o trabalho dos operários e colaboradores das indústrias e do comércio do Estado de São Paulo.

Eles também eram considerados o público principal do museu, junto com suas famílias e a comunidade do entorno dos diferentes polos museológicos que o comporiam, como Indústrias, Fábricas, Museus de Fábricas, espaços expositivos em áreas comerciais da cidade de São Paulo.

Antes mesmo de fazer o mestrado e o doutorado, Rússio iniciou sua atuação no campo das políticas culturais na década de 1960, tendo migrado para o campo da museologia na década de 1970, campo em que permaneceu até seu falecimento súbito em 1990. Como funcionária pública, esteve intimamente envolvida nas modificações das políticas culturais do Estado, nas quais

Liderou mudanças administrativas, coordenou grupos de trabalho e implantou programas culturais. A sua projeção profissional alcançou, ainda, a elaboração de diversos projetos museológicos como, por exemplo, o projeto para a Casa-Museu dedicada a Guilherme de Almeida, em São Paulo, e a proposta da Estação Ciência, também na capital, a convite do CNPq (BRUNO; FONSECA; NEVES, 2010b, p.162).

Além do museu Casa Guilherme de Almeida e da Estação Ciência, Rússio ainda contribuiu para a implantação, para a reforma administrativa e para o projeto museológico e expositivo do Museu de Arte Sacra e do Museu da Casa Brasileira e para idealização e implementação parcial do já citado Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia, um museu polinuclear que focaria na preservação de práticas voltadas para o universo do trabalho.

O projeto do Museu da Indústria tinha em seu cerne um avanço na discussão sobre patrimônio e preservação que acontecia nas décadas de 1970 e 1980, ao sair da lógica de preservação somente de bens com características monumentais, e passar a promover uma memória da classe trabalhadora; propor a preservação de práticas, e não somente de objetos – sendo, portanto, uma proposta de preservação de patrimônio imaterial, um diferencial em relação a outros modelos de museu que têm como enfoque a preservação de suas coleções materiais –; colocar o trabalho como um elemento importante dentro do desenvolvimento humano; e procurar incentivar vínculos com as comunidades diretamente ligadas aos diversos núcleos que comporiam o museu.

Em sua atuação dentro da comunidade museológica, Rússio participou de diversos conselhos e associações da área, tanto no âmbito nacional quanto internacional, tendo contribuído para a criação da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM), da Associação Paulista de Museólogos (ASSPAM) e do Conselho Federal de Museologia (COFEM), tendo neste último colaborado para a regulamentação da profissão de museólogo.

Além disso, Rússio foi membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e fez parte da diretoria do Comitê Internacional de Museologia do ICOM (ICOFOM) entre 1983 e 1986. Suas contribuições para o ICOFOM incluíram a participação no movimento

para o reconhecimento da museologia como disciplina científica e a colaboração em publicações do comitê, como *Icofom Study Series* e o *MuWop (Museological Working Papers)*.

Dentre suas formulações teóricas publicadas e discutidas com seus pares, Rússio ficou conhecida pela formulação do conceito de “fato museal”, que ela mesma define como a “relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir” (GUARNIERI, 2010a, p. 123) dentro do espaço do museu.

Outra importante contribuição para o campo foi sua atuação como idealizadora, coordenadora e professora do Curso de Especialização em Museologia da FESP-SP em 1978. O curso seguia as recomendações do ICTop-ICOM (*International Comitee of Training of Personel* do ICOM), que afirmava que a formação de museólogos ocorresse em cursos de pós-graduação Lato Sensu e com abordagem interdisciplinar, algo inovador para a formulação museológica do período.

Único curso de museologia em São Paulo no período, ele formou uma geração inteira de museólogos paulistas que hoje em dia são referências no campo museológico brasileiro, como Maria Cristina Oliveira Bruno – professora titular no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP –; Beatriz Cruz – museóloga responsável pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo, tendo sido, durante 20 anos, museóloga da Secretaria da Cultura –; Marília Xavier Cury – museóloga e professora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, que desde 2010 se dedica à pesquisa-ação colaborativa com indígenas, reconhecendo as contribuições dos povos originários na constituição da ideia de museu e no desenvolvimento da Museologia –; Amanda Tojal – museóloga e educadora de museus, consultora em Acessibilidade e Ação Educativa Inclusiva para públicos com deficiências em museu²⁴, entre outros.

Rússio “ultrapassava os limites acadêmicos e buscava inserir os alunos nas práticas museológicas” (ARAÚJO, 2017, p. 74), proporcionando a criação de uma espécie de rede com esses “jovens profissionais da área, que [ela] acolheu em seus projetos e encaminhou para oportunidades profissionais e acadêmicas – e que hoje são destacados profissionais da área de museologia, preservação do patrimônio e ação cultural” (SARRAF, 2018, p.307).

A coordenação de Rússio no curso durou 12 anos ininterruptos, nos quais ela procurou proporcionar uma dimensão prática ao curso, e propiciar oportunidades profissionais e acadêmicas no Brasil e no exterior para o alunado.

Além disso, existiu uma preocupação em reunir para as disciplinas e palestras professores e profissionais nacionais e internacionais de grande influência na área museológica e social. Entre eles podemos destacar Gael de Guichen, então diretor da área de formação do ICCROM – *International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property* – que entre 1978 e 1984 ministrou a disciplina de Conservação Preventiva; Maria Teresa Gomes Ferreira, então diretora dos Museus Gulbenkian de Lisboa, que ministrou palestras em disciplinas e eventos; Nise da Silveira, psiquiatra, fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente e responsável pelo trabalho de Arte-Terapia no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro.

O contato com esses profissionais e pesquisadores atribuía ao curso uma qualidade de nível internacional, além de possibilitar aos estudantes uma visão atual e ampliada da área de museologia, suas aplicações, possibilidades e intercâmbios.

A atuação docente de Rússio, entretanto, não se limitou ao Curso de Especialização em Museologia da FESP-SP. Ela também colaborou como docente principal e coordenadora de cursos em outros lugares do Brasil, como Bahia, Minas Gerais e Pará, e em países como Peru, Venezuela e México.

Rússio faleceu aos 55 anos, em 1990, após sofrer mal súbito durante uma viagem ao México para participar do Simpósio Patrimônio, Museo y Participacion Social, de onde ela viajaria para Cuba, onde iria ministrar a disciplina de Teoria Museológica na Oficina de Cultura que a UNESCO estava promovendo no país. Segundo o museólogo Mário Chagas,

seu pensamento museológico libertário, o seu flerte anarquista com o anarquismo, as suas referências a Charles Chaplin e suas posições políticas decolonizadoras eram (e continuam sendo) inspiradoras. Além disso, num momento em que as posições políticas majoritárias no campo da museologia, dos museus e do ensino da museologia eram fortemente conservadoras e alinhadas com a ditadura militar, os posicionamentos teóricos, políticos e pedagógicos de Waldisa Rússio traziam uma lufada de inovação para o campo museal brasileiro. (CHAGAS, 2017, p.133).

Rússio nunca teve tempo de revisar, organizar e editar sua obra, que ficou espalhada em artigos publicados em revistas da área e jornais, em textos de comunicações

e palestras para eventos no Brasil e em diversos países, e presente em seus projetos museológicos.

Deve ser mencionada também a importância desse material na influência de muitos trabalhos profissionais e acadêmicos de seus ex-alunos e de colaboradores que participaram de ações sob sua coordenação, que por consequência acabaram por deixar um legado na área de museologia no país.

Ainda assim, nos anos que sucederam seu falecimento, a atuação de Rússio foi pouco lembrada e, aos poucos, seu legado foi relegado à memória das pessoas que a conheceram. Os documentos em seu fundo ficaram esquecidos e, em alguns casos, até mesmo desconhecidos, e seus trabalhos teóricos e empíricos enfrentaram um processo de apagamento, sendo pouco referenciados e visibilizados.

Após um período sob a guarda do Instituto de Museologia da FESP-SP, instituição da qual Rússio havia sido diretora até seu falecimento, seu arquivo foi doado para o IEB-USP, onde permaneceu por mais de duas décadas não sistematizado e, por conta disso, pouco conhecido.

Uma reflexão sobre arquivos de mulheres

O acesso à documentação é algo vital para gerar interesse em pesquisadores e na comunidade de forma mais ampla, e, no caso dos arquivos de mulheres, é essencial para dar voz às mulheres na história e na memória. Servindo normalmente como guardiãs da memória de seus pais, de seus maridos, de suas famílias ou de suas comunidades, os esforços para a constituição e preservação de arquivos de mulheres e sobre mulheres é uma pauta iniciada com movimentos feministas dos anos 1960 e 1970, com a intenção de preservar um patrimônio feito por mulheres e sobre as mulheres (VASSALLO, 2018, p. 82).

Isso acontece ao se perceber que, para que as mulheres assegurassem seu lugar como sujeitas da história, seria necessário a preservação de material que registrasse suas atividades (CIFOR & WOOD, 2017, p. 4), que eram vistas como acontecimentos que se davam à margem da história oficial. Dentro da arquivologia, esse movimento de preservação vem em consonância com correntes da arquivologia contemporânea que tiravam os arquivos e os próprios arquivistas de uma posição de neutralidade colocada por diversas linhas teóricas da arquivologia tradicional, desde o século XIX.

Os arquivos e as instituições de guarda passam a ser entendidos como uma forma expressão do poder presente em determinada sociedade, sendo instrumentos de criação e

de controle da memória e da história, ao conservar ou apagar determinados agentes ou acontecimentos, e repercutir “na organização do contexto social ao mesmo tempo em que são estruturados por ele” (DUARTE, 2018, p. 11), o que dialogava diretamente com as discussões feitas dentro dos movimentos feministas. Preservar esses acervos é finalmente percebido como algo crucial para a preservação de uma memória intelectual que é muitas vezes marginalizada e esquecida, sendo possível pensar o arquivo como algo composto por inclusões e exclusões, silêncios e representações (CIFOR & WOOD, 2017, p. 14-15).

Vale ainda ressaltar aqui, que os arquivos produzidos fora das instituições públicas já são no geral de difícil acesso por serem produzidos e acumulados em âmbito privado, com os arquivos produzidos por mulheres essa dificuldade é ainda maior, e gerada muitas vezes pela destruição desses acervos ou pela manutenção deles na esfera privada em posse dos herdeiros (VASSALLO, 2018, p. 91).

Da mesma forma que os esforços para a constituição e a preservação de arquivos de mulheres e sobre mulheres, as políticas de acesso e de difusão dos arquivos de mulheres estão na agenda do feminismo acadêmico há décadas (VASSALLO, 2018, p. 86), mas esses arquivos só passaram a ser de interesse para as instituições de memória no Brasil e para os pesquisadores de maneira mais ampla muito recentemente.

As mudanças nas instituições de memória têm sido lentas e graduais, o IEB-USP, por exemplo, já que é o caso aqui tratado, tem sua política de aquisição norteadas pelas diretrizes:

- [os acervos...]1. Serem relacionados às áreas constitutivas do Instituto, a saber: Antropologia; Arquitetura; Artes Plásticas; Cinema; Direito; Economia; Educação; Geografia; História; Língua; Literatura; Música; Sociologia; Teatro; Toponímia.
2. Serem afeitos aos Estudos Brasileiros;
3. Estarem relacionados às áreas de pesquisa existentes e/ou emergentes no IEB consolidadas em projetos de pesquisa, grupos de estudos etc.;
4. Terem características multidisciplinares;
5. Preservarem a integralidade do acervo mantendo a indissociabilidade entre suas diferentes partes. (Universidade de São Paulo, 2010, p.34)

É possível ver que, apesar de serem diretrizes de caráter abrangente, o instituto, até o momento, não estabeleceu políticas institucionais de aquisição ligadas a gênero – nem referentes a minorias no geral, algo que pode e deve ser levado em conta em uma instituição que é especializada em “estudos brasileiros” –, nem tem algum programa ou projeto que priorize a organização de seus fundos ligados às mulheres.

E é importante salientar que mesmo a mudança na política de aquisição deveria vir acompanhada de outras mudanças de caráter estrutural, com um enfoque maior em

repensar os arquivos e as instituições de guarda a partir de pressupostos que vão observar relações de poder e os silenciamentos e falar de questões de identidade, e não somente recolher e guardar mais arquivos de mulheres (CIFOR & WOOD, 2017, p. 18) – especialmente se essa recolha não for acompanhada de uma organização e de uma disponibilização do arquivo para o público.

Repensar os arquivos e as instituições passa pela possibilidade de serem feitas revisões nos padrões dos nossos instrumentos de pesquisa, tendo uma indexação que leve em conta nomenclaturas e descritores que saiam de uma lógica que privilegia atributos normalmente ligados ao universo masculino, permitindo o acesso a pessoas e trajetórias apagadas.

A mudança de nome, por exemplo, é algo importante quando pensamos em titulares mulheres, já que tradicionalmente no Brasil elas trocam de sobrenome quando se casam. É o próprio caso de Rússio, que por diversas vezes vai oscilar entre adotar somente o sobrenome da família paterna ou acrescentar o sobrenome da família do marido. Isso facilita a perda de registros relacionados à trajetória de diversas mulheres, especialmente no meio acadêmico, já que as citações são feitas pelo sobrenome e algo que precisa ser pensado no momento de planejamento dos mecanismos de cadastro e indexação das instituições de guarda.

O fato de que uma instituição passou mais de duas décadas sem se propor a disponibilizar uma sistematização para a consulta do público de um de seus maiores arquivos pessoais é uma pequena amostra de como os arquivos de mulheres podem ser apagados mesmo quando institucionalizados. Como profissional, Rússio:

não se representou como uma mulher excluída de uma sociedade organizada para e por homens [...] [mas] sua trajetória foi, em si, o rompimento de um padrão social. Em todos os documentos e relatos, há sempre muitos homens entre ela, são seus chefes, colegas de conselho, alunos (GOUVEIA, 2018, p. 113).

Ainda assim, seu legado recebeu durante muito tempo o mesmo tratamento que o de outras mulheres na história: sobreviveu de maneira oral nos relatos de seus alunos, muitas vezes por conta de dimensões afetivas; e de maneira física foi inicialmente preservado por uma outra mulher, sua mãe, e depois parcialmente esquecido em uma instituição que tinha outras ações como prioritárias.

A invisibilização do fundo Waldisa Rússio e o Projeto Jovem Pesquisador FAPESP

Tendo recebido uma organização preliminar por parte de professores e alunos ligados ao Instituto de Museologia de São Paulo, o arquivo pessoal de Waldisa Rússio foi incorporado ao IEB-USP em 1992, a partir de doação feita pela mãe da museóloga, Isa Simões Pinto.

O acervo, composto prioritariamente por livros e documentos referentes ao universo de trabalho de Rússio, foi dividido entre acervo bibliográfico e acervo arquivístico, sendo encaminhados aos respectivos setores do Instituto. O acervo arquivístico está atualmente distribuído em 409 caixas e em uma gaveta de mapoteca e é o segundo maior fundo pessoal sob a guarda do Arquivo IEB²⁵, com uma estimativa de 25 mil documentos.

A parte bibliográfica do acervo é composta por aproximadamente 1700 volumes e se encontra organizada e disponível para busca pelo sistema online de bibliotecas da USP, o Dedalus, e para consulta local na Biblioteca da instituição.

É preciso mencionar que para diferenciar o arquivo Waldisa Rússio, da documentação que compõe o Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP como um todo, ou seja, o conjunto de arquivos (fundos) que compõe o arquivo IEB-USP, o acervo pessoal deixado por Waldisa Rússio, será aqui tratado como fundo Waldisa, já que o termo fundo equivale à arquivo, em seu significado de “Conjunto de documentos de uma mesma proveniência” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 97).

O primeiro tratamento realizado no fundo foi iniciado em 1994, com a adoção de uma organização que identificava a documentação a partir de um código formado pelo número da caixa e pelo volume em que o documento estava; sendo utilizado um sistema alfanumérico de identificação que, aparentemente, seguia a ordem deixada pela organização feita no Instituto de Museologia. Nos anos 2000, o fundo recebeu um segundo tratamento, que adotou uma nova organização e uma nova identificação dos documentos: o código foi feito com um sistema numérico bipartido, cujo primeiro número da sequência do código se refere a uma categoria documental/museológica atribuída pela equipe de organização e o segundo à ordem de inventário.

Ambas as organizações foram feitas antes da adoção de um sistema informatizado no Arquivo IEB-USP e não produziram nenhum instrumento de pesquisa – ou seja, de um “meio que permite a identificação, localização ou a consulta a documentos ou a informações neles contidas” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 108) – que facilitasse o acesso ao fundo.

Foram deixados poucos registros sobre a realização dessas atividades de organização e as sistematizações das informações sobre o fundo foram mantidas junto dos próprios documentos, espalhadas em mais de 400 caixas; o que dificultava o acesso ao fundo. A atual organização iniciada no fim de 2017 está sendo realizada pelo projeto Jovem Pesquisador FAPESP “O legado teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional”, coordenado pela Prof^a Viviane Sarraf, e tem como objetivo principal a divulgação do legado teórico e empírico da museóloga.

O projeto também visa possibilitar a criação de um instrumento de pesquisa para o fundo, estando atualmente trabalhando com o banco de dados do Arquivo IEB-USP, o Sistema de Gerenciamento de Acervos (SGA) e em processo a criação de um guia, o que facilitará o acesso ao fundo e dará uma melhor compreensão de sua documentação como um todo, algo que não foi possível com as organizações anteriores.

O tratamento documental inclui a manutenção da conservação preventiva do acervo, iniciada nos projetos de organização realizados anteriormente, com higienização e acondicionamento da documentação em envelopes de papel neutro; a classificação, ou seja, a “organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano de classificação, código de classificação ou quadro de arranjo” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 49); o cadastro dos documentos no SGA; e a digitalização da documentação.

A classificação dos documentos do fundo Waldisa Rússio foi feita a partir de um quadro de arranjo²⁶ funcional, ou seja, como aponta Bellotto (2006, p. 149), a criação de um grupo dentro do quadro de arranjo do fundo está ligada às funções que justificam sua existência. O quadro é, portanto, composto por conjuntos de documentos produzidos pela mesma função ou atividade e esses agrupamentos são denominados grupos e subgrupos e divididos em níveis hierárquicos.

No caso do fundo Waldisa Rússio, os grupos que encabeçam o quadro de arranjo são: Museologia; Relações Sociais; Estudos para Obra; Secretaria de Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia; Formação; Universo de Interesse; Vida Doméstica e Familiar; Documentação Complementar e Documentação Póstuma.

Ou seja, a criação de um grupo no fundo Waldisa Rússio, como, por exemplo, do Grupo Secretaria de Estado da Cultura, ocorre pela existência de documentos que comprovam a atuação de Rússio como funcionária da Secretaria, como relatórios, atas de reuniões, anotações e ofícios que foram produzidos durante o dia a dia de Rússio dentro do órgão público, existindo, dentro desse grupo que encabeça o quadro, subdivisões (subgrupos) que seguem a mesma lógica e que são criados porque se remetem a uma

atividade específica feita por Rússio no âmbito da Secretaria, como, por exemplo, o trabalho dela como assistente técnica.

Seguindo a classificação durante o cadastro no banco de dados, cada documento recebe uma espécie de número de série, denominado código de referência, composto por uma sigla que vai identificar individualmente cada documento dentro do acervo. Para cada série de documentos, foi estabelecido pela equipe de tratamento documental um código de referência, que consiste nas iniciais da titular do fundo, acrescidas de uma sigla relacionada normalmente ao grupo ou subgrupo documental do qual o documento faz parte, junto com uma numeração que vai do 1 ao infinito, como no exemplo: WR-MI-0001, ou seja, WaldisaRússio-MuseudaIndústria-0001.

Simultaneamente ao processo de descrição do documento na plataforma digital, é feito o processamento físico, ou seja, sua codificação e acondicionamento. O código garante ao documento a correspondência com sua ficha digital, que contém uma pequena descrição de seu conteúdo e outras informações como data e autor e lugar onde ele poderá ser encontrado no acervo.

Uma característica importante do sistema utilizado para o cadastro no Arquivo IEB-USP é a possibilidade de se identificar o documento em mais de um lugar no quadro de arranjo, o que permite reconhecer que um documento pode “pertencer a (ou refletir) várias séries de ordens originais, e não apenas uma” (Cook 2018, p. 69). Isso enfatiza a complexidade do contexto de criação dos documentos, ampliando as possibilidades de análise de um documento no âmbito de uma pesquisa.

Isso permite, por exemplo, que cadernos com anotações, artigos científicos, artigos de periódico, folhetos sobre instituições museológicas e livros utilizados por Rússio para compor sua base teórica para pesquisas e/ou para formulação de projetos de museus possam ser pensados como fonte de diversos trabalhos e alocados, dentro do sistema, com múltiplas combinações diferentes de grupos e subgrupos.

Todo esse trabalho possibilita o acesso aos documentos de maneira individual ou como séries documentais e permite que qualquer pessoa possa acessar as descrições de cada documento no site do IEB-USP²⁷ e consultá-lo de maneira física no Arquivo IEB-USP.

Para se ter uma dimensão da ampliação do alcance possibilitado pela presença da parte já cadastrada do fundo Waldisa Rússio no SGA, entre 2010 e 2017, o fundo foi consultado 15 vezes, enquanto nos dois primeiros anos de atividade do projeto Jovem Pesquisador utilizando o sistema, 2018 e 2019, ele teve 23 consultas²⁸. Até o momento

(fevereiro de 2022), a equipe do projeto já disponibilizou a descrição de aproximadamente 7 mil documentos, organizados segundo os grupos e subgrupos do Quadro de Arranjo do fundo no Catálogo Eletrônico do Arquivo da Instituição, e já possui aproximadamente 2 mil documentos digitalizados em alta definição.

É interessante destacar como a organização do fundo Waldisa Rússio é importante para a história de diversas instituições museológicas, especialmente as de São Paulo. Sendo formado basicamente por documentos referentes às suas atividades profissionais, Rússio de alguma forma guardou a memória de diversas instituições do estado, algumas já extintas e que teriam suas histórias apagadas, como o Museu da Indústria e os projetos iniciais da Estação Ciência.

Como desdobramento da organização do fundo, diversas pesquisas sobre a atuação de Waldisa Rússio surgiram no âmbito do projeto, incluindo pesquisas de mestrado e de iniciação científica sobre o Museu da Indústria e a Estação Ciência; sobre a preservação do patrimônio no pensamento de Rússio; sobre seu conceito original de Fato Museal; sobre o projeto do Museu da Criança e das Oficinas Infantis organizadas pelo Museu da Indústria; sobre a democratização do acesso ao patrimônio; sobre as contribuições de Rússio nos museus de arte de São Paulo; além de outras pesquisas feitas de maneira autônoma por bolsistas de Treinamento Técnico e voluntários que compuseram e compõem a equipe.

Junto ao trabalho de processamento documental, o projeto realiza entrevistas com ex-alunos, familiares e companheiros de trabalho de Rússio, que servem como um complemento ao fundo e estão presentes em sua documentação complementar. Atualmente, há 27 depoimentos gravados em áudio e vídeo, que podem ser consultados por pesquisadores interessados.

O projeto também foi responsável por realizar diversas ações de difusão, com a publicação de artigos científicos em revistas acadêmicas, como a Revista do Arquivo do Estado e a Revista do Instituto de Estudos Brasileiros; e a gravação de podcasts para o Podcast do IEB e o Podcast Farol – Conexões da Informação.

Além disso, os membros do projeto participaram da organização de eventos sobre o arquivo pessoal de Rússio e sobre a própria museóloga, como os seminários online “IEBinário As Contribuições de Waldisa Rússio para os Museus Paulistas”, em 20 de outubro de 2020; o “IEBinário Waldisa Rússio e o campo cultural brasileiro: possíveis reflexões para o presente”, que aconteceu em 13 de novembro de 2020; e “As Contribuições de Waldisa Rússio para os Museus e para a Museologia em Homenagem

aos 50 anos do MCB”, fruto de uma parceria entre o IEB-USP e o Museu da Casa Brasileira, ocorrido entre 25 e 29 de março de 2021, além de participação com fala em seminários como o “IEBinário - Arquivos de Mulheres: memória e representatividade”, realizada em 24 de novembro de 2020²⁹.

Também foram criadas redes sociais sobre o projeto, com o intuito de difundir o acervo e a obra de Waldisa Rússio ao grande público e divulgar as atividades realizadas pelo projeto de organização.

A criação das redes sociais possibilitou um diálogo com um público que não necessariamente conhecia a obra e o pensamento de Waldisa Rússio, e que não é necessariamente frequentador de arquivos; e ainda promoveu a parceria com outras iniciativas, como foi o caso da colaboração com a Revista Tonel³⁰, projeto desenvolvido por graduandos da Escola de Comunicação e Artes da USP, que teve como resultado uma série de postagens sobre a descolonização dos museus e a obra de Waldisa Rússio e que foi ao ar nas páginas do Instagram dos dois projetos.

As redes sociais ainda promoveram o contato com pessoas que tinham convivido com Waldisa Rússio, viabilizando o recolhimento de seus depoimentos que vão ser acrescentados ao fundo como documentação complementar. Elas também possibilitaram o acesso à documentação inédita para a pesquisa, que estava em posse de membro da família que não conhecia o projeto anteriormente.

Tendo em vista o panorama mencionado sobre a questão dos arquivos de mulheres, a equipe do projeto Jovem Pesquisador FAPESP “O legado teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional” também teve como uma de suas frentes a atuação junto à Rede Arquivos de Mulheres (RAM), iniciativa criada para “visibilizar, valorizar e refletir sobre arquivos de mulheres e seus processos de salvaguarda”³¹.

O intuito inicial foi inserir o trabalho da equipe nas discussões sobre arquivos de mulheres – algo que não estava colocado nos objetivos iniciais do projeto, mas que passou a fazer sentido a partir das reflexões sobre provenientes das pesquisas realizadas dentro do projeto –, mas a participação junto à Rede acabou mostrando a importância de se estabelecer mudanças no campo da arquivologia e nas próprias instituições de guarda.

Viu-se também, a partir da participação em discussões feitas na RAM, como o esforço para que essas mudanças aconteçam deve vir pautado em mudanças sociais que perpassam a própria discussão do que deve ser preservado. Além disso, é importante pensar pelo que passa essa preservação: ela é referente à coisa física relacionada com o seu suporte do documento, e somente mantê-lo dentro de uma instituição é realmente o

bastante ou é preciso pensar em estratégias para que os arquivos sejam acessíveis e acessados?

Isso reforça a necessidade de criação de movimentos e redes que pautem essas questões e ampliem para toda a sociedade o diálogo que está inicialmente no campo acadêmico ou restrito a grupos de militância.

Esse diálogo permite evitar que apenas os mesmos grupos de populações marginalizadas sejam responsabilizados pelo trabalho de pedir por mudanças (CIFOR & WOOD, 2017, p. 19), como os movimentos feministas e as mulheres em geral vêm sendo até hoje os responsáveis e os responsabilizados pela preservação de seus arquivos, e ao mesmo tempo ressalta a compreensão de que “os arquivos não são objetos com funcionamento isolado das questões político sociais que os cercam, mas objetos em constante e profunda interação dialógica com seu meio” (DUARTE, 2018, p. 9), e que, portanto, as instituições precisam entendê-los em sua relação com a sociedade.

O interessante é pensar que, no âmbito dos museus, Rússio já estava de alguma maneira pensando essas mudanças de paradigma da preservação, o que torna ainda mais importante trazer seus trabalhos de volta para as discussões.

Considerações Finais

O presente artigo tentou, de maneira muito resumida, refletir sobre os processos de trabalho que envolvem o resgate de um legado a partir de um arquivo pessoal, apontando a importância dos processos de tratamento documental, como a conservação preventiva, a organização e a descrição da documentação, e também as outras atividades ligadas a esse tratamento, mas que o extrapolam, partindo para os âmbitos da pesquisa acadêmica com recortes fora da chave arquivística, como a difusão e o próprio processo de se pensar o fundo em questão como o arquivo pessoal de uma mulher.

Por consequência da pesquisa e das atividades que compõe o processamento técnico serem realizados em um fundo de uma mulher paulista, que iniciou sua carreira no campo da cultura e dos museus a partir do ingresso como funcionária pública do Governo do Estado de São Paulo, as discussões acerca da invisibilização da produção intelectual de mulheres na história brasileira, sobretudo aquelas que se destacaram independente de uma figura masculina de maior projeção a elas associados, como maridos, pais, avós e irmãos, são retomadas no campo acadêmico.

Assim como Waldisa Rússio, outras mulheres que contribuíram de maneira fundamental para as áreas de preservação do patrimônio cultural, museologia, ação

cultural, assistência social, política e em carreiras acadêmicas nas áreas de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas no Brasil, ainda não configuram as referências de pesquisas nos estudos sobre as áreas em questão.

Dessa forma, a realização de projetos de pesquisa que tenham como objetivo a investigação e difusão do legado dessas mulheres se faz de extrema relevância para a mudança de paradigma no campo científico, não apenas no Brasil.

Se na atualidade, presenciamos uma notável militância dos movimentos feministas direcionados a diferentes áreas de atuação, bem como seu reconhecimento social e algumas mudanças já conquistadas, é necessário realizar ações efetivas para o reconhecimento do legado de pesquisadoras, cientistas, políticas, professoras, líderes para que as futuras gerações de estudantes e pesquisadoras possam se beneficiar dos mesmos.

A ideia era refletir sobre todos esses processos e mostrar um caminho possível para se abordar questões de apagamento da memória e retomada de possíveis legados esquecidos, a partir de um projeto pautado inicialmente no tratamento arquivístico de um corpo documental que conseguiu se desdobrar em mais frentes de atuação complementárias umas às outras. Esperamos que esse caminho possa ser aprimorado e percorrido por outros projetos para dar visibilidade a outros legados que podem – e que merecem – ser retomados.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Lea Blezer. *A tecitura de uma Museologia paulista: tramas do ensino pós-graduado em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Interunidades Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos permanentes: Tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira, FONSECA, Andrea Matos da, NEVES, Kátia Regina Felipini. Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos. In.: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010b, p. 159-180.

CHAGAS, Mário. Museus e Patrimônio: por uma poética e uma política decolonial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 35, p.121-138, 2017. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat_35.pdf>.

CIFOR, Marika; WOOD, Stacy. Critical Feminism in the Archives. In: *Critical Archival Studies*. CASWELL, Michelle, PUNZALAN, Ricardo, and SANGWAND, T-Kay (Eds.). Special issue, *Journal of Critical Library and Information Studies* 1, no.2, 2017. DOI: 10.24242/jclis.v1i2.27.

COOK, Terry. O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). *Pensar arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, p. 17-81.

DUARTE, Renato Crivelli. *Arquivos pessoais: institucionalizações e trajetórias*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2018.

GOUVEIA, Inês. *Waldisa Rússio e a Política no Campo Museológico*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, 2018.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. A interdisciplinaridade em Museologia. In.: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a, p. 123-126.

SARRAF, Viviane Panelli. O legado teórico de Waldisa Rússio para a museologia internacional. In: HOMEM, Paula Menino, SILVA, Diana & GRAÇA, Gabriel (Eds.). *Ensaio e Práticas em Museologia*, Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP. Vol. 08, p. 66-89, 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Estudos Brasileiros. *Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2010. Disponível em <<http://www.ieb.usp.br/guia-ieb-2/>>.

VASSALLO, Jaqueline. Mujeres y patrimonio cultural: el desafío de preservar lo que se invisibiliza. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 71, p.80-94, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i71p80-94>.

²⁴ As informações sobre os ex-alunos do curso de museologia da FESP-SP foram retiradas de, respectivamente: <<https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/1916/maria-cristina-oliveira-bruno/>>, <<https://www.facebook.com/ieb.usp/videos/931777610950928>>, <<http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoam/marilia-xavier-cury>>, <http://arteinclusao.com.br/amanda_tojal/>, <<https://www.escavador.com/sobre/7880634/maria-ignez-zucon-mantovani-franco>>, <<http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/marcelo-mattos-araujo/>>, acesso em 17/02/2022.

²⁵ Informação retirada do banco de dados do Arquivo IEB-USP, o Sistema de Gerenciamento de Acervos (SGA), através da contagem de caixas dos fundos, o maior fundo é o Mário de Andrade com 548 caixas.

²⁶ Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, o quadro de arranjo é um “esquema estabelecido para o arranjo dos documentos de um arquivo, a partir do estudo das estruturas, funções ou atividades da entidade produtora e da análise do acervo.”

²⁷ A descrição dos documentos do fundo Waldisa Rússio fica disponível para consulta em: <http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaUnidadesLogicas.asp?Tipo_Unidade_Logica_Codigo=20&Setor_Codigo=1&Acervo_Codigo=44&Numero_Documentos=>

²⁸ Dados retirados do Sistema de Gerenciamento de Acervos (SGA).

²⁹ A produção dos membros do projeto pode ser encontrada em: <https://linktr.ee/Projeto_Waldisa>

³⁰ Mais informações sobre o projeto disponíveis em: <<http://www.tonel.co/sobre/>>.

³¹ Fonte: <<https://redearquivosdemulh.wixsite.com/website-2>> acesso em: 19/02/2022

Texto recebido em 21 de fevereiro de 2022.

Aceito para publicação em 21 de junho de 2022.